

Sobre o sujeito não-UM: a heterogeneidade discursiva e a presença da *lalíngua*

Marcella Marjory Massolini Laureano

Daniela Scheinkman Chatelard

“É um discurso multiforme, essencialmente heterogêneo – no plano das disciplinas, dos objetos, dos pontos de vista, ... –, que a questão do heterogêneo pode ser evocada na sua dimensão de ruptura.”¹

Introdução

As Ciências Humanas sempre tiveram, de modo geral, certa dificuldade para compreender o sujeito falante, pois este tem uma existência subjetiva que remete ao inconsciente. Porém, o sujeito só vai se constituir no momento em que fala inscrevendo-se, assim, no espaço discursivo.² Quando dizemos que o sujeito se constitui ao produzir discursos, nos remetemos às reflexões de Benveniste que em 1966 já destacava: “*C’est dans et par le langage que l’homme se constitue comme sujet; parce que le langage seul fonde en réalité, dans sa réalité qui est celle de l’être, le concept ‘d’ego’*”.³ e ⁴ Para o autor, a linguagem é condição da subjetividade e não há como o sujeito constituir-se fora dela, pois é na linguagem que cada um irá constituir-se de forma singular.

Segundo Mariani,⁵ a ordem significante constitui-se de modo diferente em diferentes sujeitos, resultando em diferentes posições numa determinada formação discursiva. A isto se acrescenta o fato de que a partir da relação traçada nesta ordem significante entre o sujeito e o Outro (lugar onde há o reconhecimento por parte do sujeito de que algo lhe falta) é que toda a singularidade deste sujeito pode sustentar-se.⁶

Considerando a ordem significante como constitutiva do sujeito, Pêcheux⁷ nos diz que Lacan, ao postular que o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante, aponta para o caráter dinâmico deste. Logo, para a teoria de Pêcheux (a análise do discurso de linha francesa – AD) o sujeito é visto como efeito/acontecimento discursivo. É preciso lembrar, também, que

¹ Authier-Revuz, *Entre a transparência e a opacidade – um estudo enunciativo do sentido* (2004, p. 173).

² Flahault, *La parole inter-mediare* (1978).

³ Benveniste, *De la subjectivité dans le langage* (1966, p. 259).

⁴ “É na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque a linguagem funda em realidade, em sua realidade que é a do ser, o conceito de ego.”

⁵ Mariani, *Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito* (1998).

⁶ Leite, *Sobre a singularidade* (2000).

⁷ Pêcheux, *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio* (1988).

⁸ Lacan, *Mon enseignement* (1967/2005, p. 50).

⁹ “O sujeito que nos interessa é aquele que é feito pelo discurso, não aquele que faz o discurso, é aquele que é ‘fait comme un rat’ (aquele que é feito pelo discurso tal qual um rato é preso numa ratoeira), é o sujeito da enunciação. Isso me permite complementar uma fórmula que lhes digo como sendo uma fórmula primordial. (...) Eu digo que o que distingue o significante, é que o significante é o que representa o sujeito para um outro significante, e não o que ele representa para um outro sujeito.”

¹⁰ Lacan, *O Seminário*, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964/1998, p. 198).

¹¹ Acrescentamos aqui, significantes que estão disponíveis na cadeia para cada sujeito. Este acaba por assujeitar-se a eles para assim constituir-se enquanto tal.

¹² Bairrão, *O impossível sujeito – volume I – implicações da irredutibilidade do inconsciente* (2003).

¹³ *La parole intermédiaire*, op. cit.

¹⁴ *Ibid.*

o sujeito-efeito da cadeia significante é afetado por instâncias que estão para além de sua consciência, da ordem da ideologia e do inconsciente. Como diz Lacan:

Le sujet qui nous intéresse, sujet non pas en tant qu’il fait le discours, mais qu’il est fait par le discours, et même fait comme un rat [expressão francesa que significa “tal como um rato preso na ratoeira”], c’est le sujet de l’énonciation. Cela me permet d’avancer une formule que je vous donne comme l’une de plus primordiales. (...) J’énonce ce que qu’il distingue [referindo-se ao significante], c’est que le signifiant est ce qui représente le sujet pour un autre signifiant, pas pour un autre sujet.^{8 e 9}

O sujeito da enunciação será, assim, o sujeito que transita na cadeia significante por posições que lhe são permitidas ou proibidas de acordo com a maneira que a ideologia o interpela, Lacan destaca: “o sujeito pode, com efeito, ocupar diversos lugares, conforme se ponha sob um ou outro desses significantes.”^{10 e 11}

Assim, o sujeito da AD e o da psicanálise se constituem como um acontecimento a partir do discurso numa ação do inconsciente, em que o próprio inconsciente é um acontecer sujeito pela ação de dizer.¹²

Porém, é interessante notar que existe uma certa distância entre o sujeito da AD e o sujeito da psicanálise. Para Flahault¹³ o sujeito da AD é “pregado” a uma concepção de ideologia que não contempla a questão do inconsciente. De fato, a morte prematura de Pêcheux deixou muitas questões teóricas que relacionam AD e psicanálise em aberto, sobretudo aquelas referentes ao sujeito em sua relação com a linguagem. Numa tentativa de responder alguns pontos opacos desta articulação, Flahault¹⁴ destaca que a AD não trata da faceta inconsciente do desconhecimento ideológico, o que faz com que a AD não contemple a noção de um sujeito que divide com o Outro um tecido discursivo do qual apenas o Outro é mestre. Assim, podemos dizer, concordando com o autor, que o sujeito do inconsciente, apesar de presente, não é contemplado pela AD.

No entanto, mesmo distantes, cremos que é possível postular certa complementaridade entre o sujeito da AD e o da psicanálise. A complementaridade será possível a partir dos conceitos de heterogeneidade discursiva e de Outro.

Não vemos aqui, porém, o advento de um único sujeito; os conceitos de sujeito da AD e da psicanálise não podem se sobrepor formando um só. É mais interessante tomarmos a posição de entender o sujeito como um sujeito do discurso que traz a todo momento a presença-ausência velada do sujeito do inconsciente, e aí reside a noção de complementaridade da qual falamos mais acima. Segundo

Henry: “O sujeito é sempre e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo do inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”.¹⁵

A isto se acrescenta a concepção de que o sujeito da linguagem é constitutivamente dividido, pois há uma parte dele que resta para sempre no real, no não dito, naquilo que não cessa de não se escrever.

Esta divisão traz à cena e marca, no discurso do sujeito, a heterogeneidade. Essa heterogeneidade, constitutiva do discurso. De acordo com Authier-Revuz,¹⁶ ao acontecer na linguagem, o sujeito não pode ser tido como homogêneo, como exterior à linguagem, pois ao falar, o sujeito não se utiliza das palavras para traduzir sentidos de modo consciente.

Assim, ao lado do duplo assujeitamento, à ideologia e ao inconsciente, Authier-Revuz¹⁷ postula, tomando como ponto de partida a concepção de heterogeneidade da palavra, um descentramento do sujeito, pois este será dividido (clivado, mas que se crê uno), constituindo-se como efeito de linguagem e que não pode se constituir a não ser no interior desta.

A heterogeneidade discursiva constitui-se como um ponto de encontro entre a AD e a psicanálise lacaniana, ponto este no qual o sujeito (não-UM) encontra-se com o Outro a partir de seu discurso (que este mesmo sujeito crê ser UM).

O conceito de Outro será usado por Lacan a cada vez para quando o autor assinala que o sujeito não é sua própria origem (ou seja, que ele não se origina em si mesmo), assim, o Outro para Lacan designa negativamente a alteridade, pois nem tudo pode ser reduzido à identidade.¹⁸ Em 1958, o Outro assume o papel daquele que dá ao sujeito seu primeiro significante, ou seja, assume o lugar da fala inscrevendo-se como tesouro dos significantes (tese que não será abandonada).

Relacionando o Outro com a fala nos diz Lacan em outro trabalho: “*L’Autre est donc le lieu où se constitue le je qui parle avec celui qui entend, ce que l’un dit étant déjà la réponse et l’autre décidant à l’entendre si l’un a ou non parlé.*”^{19 e 20}

Entre os anos 1968 e 1969, Lacan dedica-se inteiramente a discutir qual é o estatuto do Outro para o sujeito e para a experiência analítica. O seminário proferido entre estes anos foi denominado “De um Outro ao outro”. Este nome é bastante sugestivo e já revela o interesse de Lacan em buscar entender qual é o caminho traçado pelo sujeito de um Outro (lugar da verdade do sujeito e conjunto vazio que torna possível todo tipo de enunciação sobre um dado conjunto) ao outro (o semelhante, ou seja, aquele inscrito totalmente no registro do imaginário).

No início de suas reflexões, Lacan²¹ se pergunta “O que é o

¹⁵ Henry, *A ferramenta imperfeita – língua, sujeito e discurso* (1992, pp. 188-189).

¹⁶ Authier-Revuz, *Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours* (1982).

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ Assoun, *Lacan* (2003).

¹⁹ Lacan, *La chose freudienne* (1955/1966, p. 431).

²⁰ “O Outro é, portanto, o lugar onde se constitui o [eu] que fala com aquele que ouve, o que um diz já sendo a resposta, e o outro decidindo, ao ouvi-lo, se esse um falou ou não.”

21 Lacan, *Le séminaire*,
livre 16: D'un Autre à l'autre
(1968-1969/2006).

22 *Ibid.*, p. 24.

23 “É esse campo da verdade
que defini para ser o lugar
no qual o discurso do sujeito
tomaria consistência, e onde
ele se coloca e se oferece para
ser ou não refutado.”

24 Lacan, palestra proferida
em Louvain – Bélgica em
1972 (1972/2008).

25 *Ibid.*, p. 75.

Outro?” e responde: “*C’est ce champ de la vérité que j’ai défini pour être le lieu où le discours du sujet prendrait consistance, et où il se pose pour s’offrir à être ou non refuté*”.^{22 e 23}

Assim, na relação do Outro com o sujeito, o primeiro é essencial para garantir a existência do segundo. O Outro “se fabrica”, nos diz Lacan, como objeto (a) ocupando assim um lugar de suporte para o sujeito e para seu discurso.

O Outro tem, desse modo, papel fundamental em relação ao discurso. Para Lacan, o discurso capta indícios da fala, ele se insere na fala, ou seja, ao produzir um discurso, todo sujeito já está implicado de alguma forma com aquilo que disse, assim, não há discurso que deixe de implicar, em maior ou menor grau, o sujeito falante. Em 1972, em conferência proferida em Louvain – Bélgica, Lacan complementa tais reflexões e define o discurso como um lugar social, lugar este que “garante” a existência do sujeito a partir da presença de um outro/Outro.²⁴

A pergunta que nos resta é a seguinte, a de se questionar por qual razão um discurso se revela em lugar de outro. Em outras palavras, qual o motor produtor desses discursos?

Entender e responder a este questionamento implica nos encontrarmos com outra característica do Outro: a oposição entre o Outro (A) e o Outro castrado (A barrado). O Outro (A) absoluto é o que Lacan chama de tesouro dos significantes, o lugar onde estão todos os significantes, mas adverte Lacan, todos esses significantes são diferentes daquilo que o A representa como significante, afinal não é possível dizer tudo, é o impossível da língua que se presentifica nos atos falhos, equívocos e chistes.

O Outro castrado é o que marca o lugar da falta e aponta para a pergunta do sujeito do desejo: “o que o Outro quer de mim?”. Lacan, usando-se brilhantemente da língua francesa, vai dizer que o sujeito se comporta da seguinte maneira em relação ao desejo do Outro: “*c’est de son désir que je suis – ... que je suis la trace*”.²⁵ O verbo conjugado “suis” em francês pode tanto significar seguir (*suivre*) ou ser (*être*), então, traduzindo Lacan com o duplo sentido que o verbo comporta temos que o sujeito é/segue a partir do desejo do Outro, mas que, porém, ele não é o Outro e sim um traço, uma marca dele.

Lacan explica que o Outro é castrado/barrado, porque: ele não existe, ele não é consistente, ele não é completo e, portanto, é (-1), ou seja, é um furo do real que incide no simbólico, afinal a inconsistência não impede que o Outro forje o significante.

Ocupando funções ligadas à questão do lugar que o sujeito ocupa em relação a seu desejo e, claro, seu lugar na linguagem, o conceito de Outro se relaciona diretamente com a produção discursiva do sujeito desejanste. Para se falar da falta (desejo) é preciso significá-

la de algum modo e, para isso o sujeito se serve de significantes, da cadeia significante. Mas esse “servir-se” não é aleatório e não depende da vontade do sujeito, como bem sabemos.

Podemos dizer que, no lugar de tesouro dos significantes, do código, e de mediador na relação da fala com o campo da linguagem, o Outro (absoluto e ao mesmo tempo castrado) vem para fornecer ao sujeito as “ferramentas” para esse discurso da falta. O Outro provê ao sujeito os significantes que ele precisa para inscrever-se enquanto desejante. Mas a função desse Outro enquanto provedor daquilo de que precisamos para falar marca também uma outra função essencial ao discurso, que é a da alteridade. Afinal, se falamos a partir daquilo que nos é provido por esse lugar quase sagrado dos significantes, onde cada sujeito se distingue, falamos também para atender a essa demanda do Outro,²⁶ falamos para um outro (nossos interlocutores) e falamos para um Outro (aquele que supostamente detém os significantes que representam nossa falta estrutural, falta essa que nos transforma em *parlêtres* – termo forjado por Lacan para caracterizar os sujeitos como “seres de fala”).

Ao falarmos de alteridade no discurso, encontramos na teoria de heterogeneidade discursiva de Authier-Revuz uma articulação fecunda entre as ideias de Lacan e de Pêcheux sobre esse território singular que marca a existência de todo sujeito no mundo da linguagem.

Authier-Revuz ao trabalhar com a faculdade de reflexão da linguagem revela uma faceta nem sempre contemplada pelos estudos na área da linguística e coloca a enunciação numa posição incerta e marcada por diferentes tipos de heterogeneidade. O que sua teoria vai mostrar é que o dizer de um sujeito sempre está carregado de um dizer que vem de outro lugar, ou seja, todo discurso comporta em si um discurso-outro.²⁷

Como destaca a autora, ao ver o sujeito como a psicanálise o faz, nos aproximamos mais da ideia de poder falar de como esse sujeito se situa na linguagem e faz uso dela.²⁸ Será então em Lacan que Authier-Revuz irá encontrar as ferramentas necessárias para compreender o sujeito que produz os discursos, apoiando-se, sobretudo, na máxima lacaniana “penso onde não sou e sou onde não penso”, máxima que atesta, ao mesmo tempo, a impossibilidade de o sujeito tornar-se completo ao tentar fazer-UM com a língua e que algo escapa ao dizer desse mesmo sujeito.

O sujeito será, para a autora, assujeitado ao inconsciente e preso à incessante tentativa de fazer UM com a língua. Como sabemos, ao tentar fazer UM com a língua, o sujeito tenta, nada mais nada menos, que preencher sua falta estruturante, buscar seu objeto ilusoriamente perdido, e em última instância, tenta responder a incessante demanda do Outro que questiona a todo o momento o desejo do sujeito.

26 Sempre se tenta responder ao “Che vuoi?” dirigido pelo sujeito ao Outro.

27 *Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive*, op. cit.

28 Authier-Revuz, *Psychanalyse et champ linguistique de l'énonciation: parcours dans la méta-énonciation* (2001).

Para abordar a questão desse discurso pela alteridade, Authier-Revuz vai fazer uma divisão entre dois tipos de heterogeneidade presentes no discurso: há uma heterogeneidade mostrada – que atesta a presença do outro no discurso de forma marcada, como, por exemplo, o uso de aspas (que suspende a naturalidade do dizer, relegando-o a um lugar que não vem do sujeito e tornando-o opaco ²⁹) – e uma heterogeneidade constitutiva – que vai marcar como o sujeito negocia com este outro/Outro que também faz parte de seu discurso.

²⁹ *Ibid.*

Como assinala Authier-Revuz, o estudo de uma heterogeneidade implica a outra, ambas não são totalmente dissociáveis, sobretudo se o *corpus* a ser analisado é um *corpus* escrito (reportagens, cartas, livros, por exemplo) onde as formas marcadas ou mostradas da heterogeneidade são mais facilmente apreensíveis.

Por outro lado, entendida como diretamente relacionada ao exterior discursivo, a heterogeneidade constitutiva será ainda dividida por Authier-Revuz em quatro diferentes formas de o sujeito negociar com esse exterior do discurso. Nas palavras da autora,³⁰ “a heterogeneidade constitutiva é uma resposta a um encontro, o encontro do sujeito com seu discurso”. Assim, há quatro respostas possíveis a esse encontro: a primeira liga-se à exterioridade discursiva – que compreende o interdiscurso e o campo da alteridade (o Outro, aqui entendido como faceta externa ao discurso); a segunda diz respeito à exterioridade interlocutiva – que compreende o campo do outro semelhante; a terceira é aquela que vê a língua como sistema de diferenças em seu encontro com o real, ou seja, com a falta. E, por fim, a quarta seria a resposta das palavras a mais, ou seja, a *lalíngua*.

³⁰ Conversas pessoais (2006).

Essas respostas dadas pelo sujeito em seu encontro com o discurso estruturam-se em quatro espaços de não-coincidência ou de heterogeneidade; espaços esses onde o dizer/discurso se confronta com ele mesmo, se desdobra e se altera, a saber:

- 1) Espaço da não-coincidência interlocutiva entre os enunciadores. Nesse espaço o outro semelhante é convocado e aparece como reflexo do mesmo por intermédio de uma regra de conversação (retomando Milner³¹). A comunicação aqui não-UM, afinal um dos interlocutores sempre vai tentar explicar algo ao outro contando com seu entendimento ou não do que está sendo discutido. Essa não-UM da comunicação é o fundamento de toda comunicação possível.
- 2) Espaço da não-coincidência do discurso com ele mesmo, no qual há o discurso outro. Esse tipo de não-coincidência refere-se ao dialógismo de Bakhtin (o sujeito se constitui a partir de outros discursos) e ao conceito de interdiscurso postulado pela AD (“isso fala, independentemente, antes em outro lugar”). Temos aqui as fronteiras

³¹ Milner, *O amor da língua* (1987).

entre o eu e o outro.

- 3) Espaço da não-coincidência entre as palavras e as coisas. Esse lugar de heterogeneidade deve ser visto, como destaca a autora, a partir de duas perspectivas: de um lado há: 1- a oposição que existe na linguística entre a língua como sistema finito de unidades e o contínuo das infinitas singularidades do real a ser nomeado e, de outro, 2- o real tal como Lacan vê, como radicalmente heterogêneo à ordem simbólica que constitui o sujeito enquanto faltoso.
- 4) Espaço da não-coincidência das palavras com elas mesmas, no qual as glosas reflexivas remetem à polissemia, homonímia, jogos de palavras. Essa não-coincidência traz à cena a *lalíngua*, lugar da poesia, da psicanálise e do Saussure dos anagramas. É o ponto de encontro do sujeito com o equívoco da língua.

É preciso lembrar que todos esses lugares marcam formas que interditam ao sujeito fazer-*UM* com a língua ao mesmo tempo em que ele nega essa impossibilidade, pois quando tenta tornar seu dito fechado e transparente, imaginariamente, o sujeito acredita (e precisa acreditar) que faz *UM* com a língua e que a domina ao seu bel prazer.³² Assim, nestes quatro modos de negociação podemos destacar que no primeiro, o espaço da não-coincidência interlocutiva entre os enunciadores, destaca-se o papel do interdiscurso e do Outro e que os dois últimos (espaço da não-coincidência entre as palavras e as coisas e, espaço da não-coincidência das palavras com elas mesmas), podem ser colocados em íntima relação um com o outro, afinal é ao ver a língua como sistemas de diferenças que também se vê a presença da *lalíngua*.

Esses modos de negociação são assinalados por pontos de não-coincidência ou de heterogeneidade no dizer. Tais pontos tornam o discurso opaco, revelando que há algo que o sujeito não domina e que se faz presente em seu dito. Nos referimos aqui à presença do inconsciente, do real, que fura o dito, que o contorna sem que o sujeito se dê conta. Conceber o dito a partir da heterogeneidade discursiva é, sem dúvida, conceber também o sujeito, tal como a psicanálise lacaniana o concebe, como aquilo que representa um significante para outro significante, um não-*UM* com a linguagem.

Lacan, em entrevista dada em 1974, discorrendo sobre o estatuto da verdade, conjectura: “Digo sempre a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam as palavras. É justamente por esse impossível que a verdade provém do real.”³³ Faltam palavras ao sujeito, afinal, recobrir o real é impossível e é preciso que seja assim, pois a impossibilidade de fazer *UM* com a linguagem é o que garante o discurso como lugar social e espaço de constituição de sujeitos faltosos, a partir das não coincidência do dizer.

³² É claro que estamos falando aqui do assujeitamento do sujeito ao inconsciente.

³³ Lacan, *Televisão* (1974/1993, p. 11).

Um dos lugares onde o dito não coincide consigo mesmo é o lugar do sintoma concebido como marca singular do sujeito. Logo, o sintoma pode ser tido como algo que marca o não-UM do sujeito com a linguagem, bem como todas as outras formações do inconsciente (sonho, ato falho, chiste).

O que faz a singularidade do sintoma de cada sujeito é o que há no sintoma de mais real, de mais íntimo, de mais velado. Esse mais real que há no sintoma do sujeito é a letra, a letra perdida e a ser reencontrada no ser do sujeito, a letra que no conto *A Carta roubada* sofreu um prolongamento em seu trajeto: o que Lacan chama o *purloined* da carta [letra]: essa carta [letra] que foi desviada depois prolongada com seus desvios e extravios. Como poderíamos reduzir a letra [carta] ao ser do sujeito que foi roubada, letra [carta] velada pelo significante mestre vindo do Outro, que teria sido o *sê-lo*³⁴ [mestre] primeiro e alienante do sujeito? Como reduzir o *sê-lo* [*m'être*] do sujeito, seu objeto perdido a seu osso, a sua letra? Uma das vias que escolhemos é o sintoma como uma das formações do inconsciente, como uma das respostas do inconsciente e que, como todas as outras formações do inconsciente, vela a letra do sujeito, cifrando-a. O *Um* do inconsciente cifra a letra. O sintoma tal como Freud o concebe no início de sua obra é uma mensagem cifrada, e são as formações do inconsciente – notadamente o sonho, o sonho como escrita a ser decifrada – que dão o acesso privilegiado, que são a via real para a decifração do inconsciente.

A letra, acabamos de ver, refere-se a uma fixidez, a uma marca primeira que inaugura a seqüência, a cadeia do Um múltiplo até que culmine numa cifra. A cifra tendo um estatuto de signo, isto é, de signo de um elemento, essa cifra é Um elemento distinguível de outro. “Há Um.”

Em *Lituraterre*, Lacan considera a escrita um “ravinamento”; e ele acrescenta: “uma rasura”. O ravinamento designa um fenômeno natural perceptível no real, a erosão sendo um estado que implica transformações, como resultado da água que cai das nuvens. A letra é assim um efeito de ravinamento no sentido literal do termo, no sentido geográfico: “a escrita é, no real, o ravinamento do significado, ou seja, o que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante. A escrita não decalca o significante”.³⁵ Quanto à rasura, este termo se refere não a fenômenos, mas ao grafismo. A conjugação dos dois termos dá como resultado um ravinamento que está marcado, que traz a marca rasurada, que se torna uma marca, efeito primeiro de antes de qualquer rastro: a chuva, ao passar sobre os rastros deixados pelo escorrimento, os rasura. A estes dois termos Lacan acrescenta escorrimento pluvial. Lacan diz isso à sua maneira: “entre as nuvens, o escoamento das águas, único traço a aparecer”,³⁶ dando aqui a ideia da chuva, que cai do céu, das nu-

³⁴ Jogo homofônico criado por Lacan a partir de *mâitre* [mestre] e *m'être* [sê-lo].

³⁵ Lacan, *O Seminário*, livro 18: De um discurso que não fosse semblante (1971/2009, p. 114).

³⁶ *Ibid.*, p. 113.

vens, e, ao cair em seus rastros primeiros, os rasura. O escorrimento é marcado pela rasura e ocorre em dois momentos: em primeiro lugar ele se apresenta como traço primeiro, depois pouco a pouco o apaga. Assim, o fenômeno de escorrimento apaga o traço primeiro. Conjugando os dois momentos significa, portanto, que o escorrimento se faz sujeito, na medida em que é do apagamento do traço que se designa o sujeito.

A rasura, por sua vez, reproduz a outra metade do sujeito que subsiste; a rasura faz rastro, marca, no escorrimento da água que corre, o rastro do sujeito, faz litura — rasura, ação de riscar; rasura, o que está riscado — lituraterre, rasura “de traço algum que seja anterior, e é o que do litoral faz terra”;³⁷ ela é, assim, produzida pelo escorrimento, e para que haja litoral é preciso essa rasura trazida pela água do escorrimento. A litura é o poder de produzir a rasura que vai permitir delimitar, fazer existir a fronteira, fazer existir o litoral, a fronteira entre o mar e a terra, isto é, produzir essa metade sem par onde o sujeito subsiste. Lacan insiste no fato de que “litoral faça letra, faça literal”, o que está de acordo com o fato de que a letra é idêntica a si mesma; é seu caráter identitário; a identidade de si a si mesmo, o que não é oferecido pelo significante, que ao contrário oferece a diferença.

Logo, Lacan situa a escrita a partir da letra. Embora esta esteja muito próxima do significante, ela lhe serve antes de suporte. Em outras palavras, o trajeto de Lacan em *Lituraterre* é o seguinte: após o primeiro tempo do escorrimento, vem o tempo da transformação do litoral em literal, que constitui o momento da emergência da letra; depois vem o escorrimento como efeito da ruptura das nuvens, o significante tendo por efeito a ruptura do semblante, pois enquanto não estiver mobilizado na fala, ele fica em suspensão, não faz efeito de significação. O semblante estando aqui metaforizado sob a forma de nuvens, é preciso uma ruptura do semblante, ou então algo que permita à matéria em suspensão correr sob a forma de chuva: “O que se revela por minha visão de escoamento, no que nele a rasura predomina, é que ao se produzir por entre as nuvens, ela se conjuga com sua fonte; pois é justamente nas nuvens que Aristófanes me conclama a descobrir o que acontece com o significante, ou seja, o semblante por excelência, se é de sua ruptura que chove esse efeito em que se precipita o que era matéria em suspensão”.³⁸ Esse momento de ruptura do semblante não deixa de produzir um gozo, pelo qual o escorrimento produz um ravinamento provocado pela ruptura do semblante. A letra faz rasura, “ruptura, portanto, semblante, que dissolve o que constituía forma, fenômeno, meteoro (...), o que se evoca de gozo para ao se romper um semblante, é isso que, no real — aí está o ponto importante, no real — se apresenta como ravinamento das águas”.³⁹ Temos aqui os três termos nodu-

³⁷ *Ibid.*, p. 113.

³⁸ *Ibid.*, pp. 113-114.

³⁹ *Ibid.*, p. 114.

lados: arrebatamento, rasura, ravinamento, numa sequência lógica ligada a esse efeito de ruptura do semblante acompanhado de gozo. À ruptura das nuvens, ou ruptura do semblante, sucedem a chuva e depois o escorrimento que engendra, a partir daí, o ravinamento.

Referências bibliográficas

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Lacan*. Collection “Que sais-je?”, Paris: PUF, 2003.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et Hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours. *DRLAV – Revue de linguistique*, 26, 1982.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Psychanalyse et champ linguistique de l’énonciation: parcours dans la méta-énonciation. In: ARRIVÉ, Michel; NORMAND, Claudine (orgs.) *Linguistique et psychanalyse*. Collection Explorations, Paris: In Press, 2001, pp. 91-108.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade – um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAIRRÃO, João Francisco Miguel Henriques. *O impossível sujeito – volume I – implicações da irredutibilidade do inconsciente*. Coleção Babel da Psicanálise, São Paulo: Rosari, 2003.
- BENVENISTE, Emile. De la subjectivité dans le langage. In: *Problèmes de linguistique générale, 1*. Paris: Gallimard, 1966, pp. 258-266.
- FLAHAULT, François. *La parole intermédiaire*. Paris: Seuil, 1978.
- HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita – língua, sujeito e discurso*. Campinas: Unicamp, 1992.
- LACAN, Jacques. (1955) La chose freudienne. In: *Écrits I*. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, Jacques. *O Seminário*, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. (1967) *Mon enseignement*. Paris: Editions du Seuil, 2005.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire*, livre 16 : D’un Autre à l’autre (1968-1969). Paris: Seuil, 2006.
- LACAN, Jacques. *O Seminário*, livro 18: De um discurso que não seria semblante (1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LACAN, Jacques. (1972) Palestra proferida em Louvain – Bélgica em 1972. Disponível no DVD *Jacques Lacan – La psychanalyse reinventée*. Arte Vídeo, 2008.
- LACAN, Jacques. (1974) *Televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar,

1993.

LEITE, Nina Virginia. Sobre a singularidade. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, no. 38, pp. 39-49, Campinas, 2000.

MARIANI, Bethânia. Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. *Revista Gragoatá*, no. 5, pp. 111-120, Niterói, 1998.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio*. (Tradução de “Verites de la Palice” de 1975), Campinas: UNICAMP, 1988.

Resumo

A partir da articulação entre a análise do discurso de Pêcheux e a psicanálise de Lacan, o presente trabalho reflete sobre a questão da heterogeneidade discursiva. O conceito de heterogeneidade discursiva nos mostra os possíveis caminhos percorridos pelo sujeito em sua tentativa de fazer *UM* com a linguagem. Falaremos das não-coincidências do dizer, como formas de o sujeito negociar seu encontro com a linguagem. Estas não-coincidências serão abordadas em sua relação com o sintoma e a letra, marcando pontos de ruptura no dito e revelando ao sujeito a presença da *lalíngua* e do inconsciente, rompendo o real e engendrando o ravinamento.

Palavras-Chave

Heterogeneidade discursiva, *lalíngua*, letra, sintoma.

Abstract

From the link between Pêcheux's discourse analysis and Lacan's psychoanalysis, this article reflects on the question of discursive heterogeneity. The concept of discursive heterogeneity shows the possible paths traveled by the subject in his attempt to make ONE with the language. Discuss the non-coincidences of the discourse, as ways to negotiate their meeting subject to the language. These non-coincidences will be addressed in relation to the symptom and the letter, marked points of rupture in that the subject and revealing the presence of *lalíngua* and unconscious, breaking the real and engendering the ravine.

Keywords

Discursive heterogeneity, *lalíngua*, letter, symptom.

Recebido

07/09/2009

Aprovado

15/09/2009